

14/07/98

PÁGINA 11

Estrada avança sobre reserva

MARIA EUGÊNIA MOREIRA

Os índios xerentes, que ocupam uma área demarcada de 260 mil hectares em Tocantins, estão irritados com o governador do estado, Moisés Avelino. O motivo é a construção de uma estrada que corta a reserva indígena. O impasse está sendo resolvido na Justiça e os xerentes ameaçam apreender e queimar os equipamentos e máquinas caso a obra invada a reserva. Segundo técnicos da Funai, a estrada não pode ser construída se esta não for a vontade dos índios, pois a área está demarcada e homologada como reserva indígena.

As obras da estrada, que ligaria Tocantins à região Nordeste, tiveram início há um ano e desde então os índios tentam impedir que elas avancem os limites da reserva. Os xerentes entraram com uma ação de embargo junto ao Ministério Público e tiveram êxito, mas o governo local recorreu ao Superior Tribunal de Justiça (STJ) alegando que a estrada não passava dentro da reserva, obtendo decisão favorável. Desde o início da semana, seis caciques xerentes estão em Brasília para reverter o quadro. Se eles não obtiverem sucesso vão pegar nas armas e lutar.

Para o administrador da Fu-

nai em Gurupi, Edson Beiriz, a construção da estrada vai comprometer a vida nas aldeias. "Ela vai trazer prostituição, marginalização e doenças, que acabam descaracterizando e dizimando as tribos", explica. "Não é futuro para nós. Não tem importância para os índios, porque muitas pessoas que não conhecemos vão passar por dentro de nossa reserva, roubando nossos animais e destruindo as plantações", completa o cacique da aldeia Funil, Reinaldo, Xerente.

Propinas — Os índios acusam os representantes do Governo de oferecer propinas para alguns membros das tribos, com o objetivo de conseguir a construção da estrada. "Os políticos oferecem dinheiro, automóveis e outras coisas por causa da estrada", denuncia o cacique Isac Xerente. Além disso, os índios informam que o governador nunca participou de nenhuma reunião com eles, sempre mandando assessores para representá-lo.

Para Beiriz, a intermediação da Funai foi necessária, já que o impasse pode gerar uma situação de tensão entre os 2.600 índios, que estão mobilizados pela interrupção da obra. "Eles querem apenas que um novo traçado seja feito, que passe por fora da reserva", afirma.